

ADOLFO LUTZ, BACTERIOLOGISTA

POR

AUGUSTO DE E. TAUNAY

Médico do Instituto Adolfo Lutz

Quando, em 1893, Le Dantec, primeiro diretor do Instituto Bacteriológico de São Paulo teve de voltar à França, recomendou ao governo do Estado que nomeasse para seu sucessor Adolfo Lutz, então seu assistente. Ninguém melhor que Lutz estava em condições para assumir cargo de tanta responsabilidade: sua formação médica e seus vastos conhecimentos de biologia adquiridos nos principais centros médicos e científicos europeus fizeram com que em curto prazo se tornasse o Instituto Bacteriológico de São Paulo o precursor no Brasil da nova ciência que então era a bacteriologia.

Foi nesse período que Lutz se viu obrigado a resolver problemas de saúde pública sobre a etiologia ainda mal conhecida das moléstias infecciosas bacterianas que aqui grassavam sob foram endêmica e, muitas vezes, epidêmica. Este foi talvez um dos períodos mais brilhantes de sua vida; graças a seu grande espírito de abnegação aliado a qualidade de pesquisador nato que não se contenta com fatos, exigindo sempre a comprovação experimental, pôde esclarecer problemas essenciais de saúde pública, traçando normas de diagnóstico e de profilaxia que, a seguir, se estenderam por todo o país.

Seu trabalho nem sempre foi fácil; sofreu críticas violentas por parte de muitos que discordavam de seus diagnósticos e, principalmente, de suas idéias. Entretanto, suas afirmações sempre eram seguidas de provas praticamente irrefutáveis que a pouco e pouco convenciam os homens de ciência de que com ele estava a verdade.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que foi nesse período que se agiganta a influência de Lutz no campo da microbiologia; revelou-se grande mestre, senhor de conhecimento e de técnicas até então estranhas ao meio que, uma vez difundidos constituíram os alicerces da primeira escola microbiológica criada no Brasil.

Durante os 16 anos em que esteve à frente do Instituto Bacteriológico de S. Paulo, colocou a instituição de que era responsável à frente dos problemas de saúde pública e assim é que no mesmo ano em que assumiu o cargo de diretor pôde esclarecer a etiologia colérica de uma epidemia de disenteria ocorrida na capital do Estado com início em agosto de 1893. Segundo seu próprio relato, até aquela data, o laboratório não se ocupara do assunto mas, através das publicações especializadas, estava a par do que se fazia nos países onde grassava o mal. Graças a esses conhecimentos, em 10 horas conseguiu cultura pura com todos os caracteres biomorfológicos do vibrião colérico, e assim diz êle "foi-nos possível afirmar com certeza quase absoluta que a molestia suspeita era com efeito o verdadeiro cholera morbus".

Com mais vagar completa a identificação dos germes isolados podendo afirmar com tôda segurança tratar-se realmente do vibrião colérico pois, além de apresentar todas reações comuns ao bacilo da cólera, possuía quase sempre um só cílio polar e era inteiramente semelhante à cultura-padrão do Instituto Bacteriológico. Entretanto persistia ainda a dúvida no espírito de muitos clínicos; para êles o simples achado de um vibrião em fezes diarréicas seria suficiente para que o Instituto Bacteriológico notificasse o caso como cólera.

Apesar de absolutamente seguro do seu diagnóstico, como se verifica na carta que escreveu, em 1895, ao professor Dunbar ao lhe enviar quatro culturas para serem identificadas, julgou necessária esta providência para resolver definitivamente a questão. Efetivamente, a resposta de Dunbar confirma plenamente a opinião de Lutz; e assim termina o episódio da cólera, que se iniciara em 1893 para terminar em princípios de 1895.

A epidemia de cólera retardou por algum tempo os estudos que então iniciara sobre a etiologia das chamadas "febres paulistas", entidade nosológica de características próprias, segundo se afirmava na época.

Em publicação feita em 1936, rememora quais os motivos que o levaram a afirmar com tanta segurança que a doença que flagelava a cidade de S. Paulo, era tifóide e não forma especial de palustre. Conta-nos que em 1877-1878, quando na Europa, teve a oportunidade de autopsiar uma série de cadáveres cuja "causa mortis" fôra a febre tifóide (moléstia então conhecida sob várias denominações) tendo êle próprio em 1878 contraído doença febril de longa duração, diagnosticada como febre tifo abdominal.

De volta ao Brasil novamente se defronta, no Rio de Janeiro, com a mesma moléstia e quando clinicava em Limeira (São Paulo) teve a oportunidade de observar vários outros casos, chegando mesmo a autopsiar um escravo, em quem encontrou as lesões típicas de febre tifóide.

Assumindo a direção do Instituto Bacteriológico, já tinha para si resolvido o problema das febres "paulistas", faltando-lhe tão somente completar as provas de laboratório. Rápida e colecionou uma série de observações nas quais os dados clínicos foram completados com estudos anátomo-patológicos. Nesses casos as lesões típicas da febre tifóide eram sempre encontradas faltando, sistematicamente, as alterações próprias da febre palustre. Nas preparações coradas sempre notava a existência de bactérias semelhantes às descritas por Eberth. Imediatamente tenta isolar o germe do baço e da bile conseguindo obter culturas de bactéria em tudo semelhante ao bacilo tífico. Envia suas culturas ao próprio Eberth, que não tem dúvida em atestar o acerto da identificação microbiana.

As polêmicas que resultaram dessas verificações, conduzidas com grande método, apaixonaram a classe médica paulista a tal ponto que a maioria dos médicos de São Paulo, em sessão científica, refutou as conclusões de Lutz. Este, sem procurar discutir mais o assunto, pede somente que no futuro, quando fôsse aceita "definitivamente a febre typhoide como entidade morbida indigena na Capital e Estado de S. Paulo se reconhecesse ser essa aquisição devida unicamente aos trabalhos continuados e pacientes do Instituto Bacteriológico de São Paulo".

Resolvido o problema etiológico, passa a ocupar-se da profilaxia da moléstia e vamos encontrar em vários de seus relatórios recomendações sobre maneira de evitar a poluição das águas de abastecimento, a necessidade de evitar a contaminação dos alimentos pelas moscas, dedicando especial atenção aos portadores do germe, que reconhece como os principais responsáveis pela disseminação da febre tifóide.

Os processos de diagnóstico laboratorial da febre tifóide ocupam sua atenção: experimenta meios de cultura; introduz, na rotina do Instituto Bacteriológico, reações sorológicas de aglutinação chegando a descrever processo simples e engenhoso para o transporte de sangue.

Mostra que conhecia muito bem o germe com que trabalhava, pois, quando outros quizeram atribuir à etiologia paratífica certos casos brandos de febre tifóide, declara não achar correta essa denominação porquanto durante todo seu trabalho nunca tivera oportunidade de isolar bacilos paratíficos. Sua verificação é tão exata que, nos últimos dez anos, em milhares de hemoculturas por nós realizadas no Instituto Adolfo Lutz, só por três vezes foram encontrados *S. paratyphi* A ou *S. paratyphi* B.

Outro problema que não poderia deixar de despertar interesse especial por parte de Lutz foi o da febre amarela: era o grande flagelo do Brasil, e durante a permanência de Lutz em São Paulo, em várias cidades do Estado, a infecção se manifestou sob forma epidêmica.

Como era de esperar, numa época em que a bacteriologia estava na fase das grandes descobertas, seria estranho que, também no Instituto Bacteriológico, não se fizessem tentativas para elucidar a causa do mal. De fato, encontramos nos vários relatórios de Lutz descrições pormenorizadas das pesquisas que a propósito fazia. Conseguiu isolar e identificar uma série enorme de espécies microbianas obtidas, quase sempre, de material de autópsia, concluindo sempre que eram germes banais, meros invasores secundários. Estes trabalhos não foram destituídos de interesse porquanto Lutz pôde concluir que, no início da infecção amarílica, o sangue se apresentava estéril e que os germes encontrados no período pré-agônico não passavam de invasores da corrente sanguínea infeccioso-comum seu aparecimento, também, em outras moléstias infecciosas, principalmente nos casos de agonia prolongada. Depois de longo período de observação acha que o "organismo causador da febre amarela não podia ser demonstrado pelos métodos então conhecidos ou não se deixava distinguir de outros micro-organismos banaes". Entretanto, quando, em 1897, Sanarelli comunicou ter descoberto o germe causador da febre amarela, Lutz aceitou a descoberta diante das provas exibidas pelo autor e no Instituto Bacteriológico, imediatamente, se iniciam pesquisas para o isolamento do bacilo icteróide. Comprova, realmente, que, em alguns poucos casos, o germe é encontrado aparecendo porém somente no final da moléstia o que faz Lutz suspeitar seja o bacilo de Sanarelli um dos invasores secundários já tantas vezes por ele assinalado. No relatório de 1900, depois de apresentar várias razões que falam contra o bacilo de Sanarelli como agente etiológico da febre ama-

rela, conclui que êste germe só acidentalmente é encontrado no sangue e nada tem a ver com a moléstia.

Esta enorme soma de pesquisas infrutíferas foi talvez o que fêz Lutz voltar sua atenção para um fato por êle já observado, em 1889, em Campinas, ou seja, a existência de grande número de mosquitos nos focos de febre amarela. Tal observação estava de acôrdo com as idéias de Finlay e com as verificações da Comissão Americana de Cuba o que deu fôrça a Lutz para insistir junto a Emilio Ribas para que os trabalhos no Serviço Sanitário se orientassem nesse sentido, e assim foi São Paulo o primeiro lugar do mundo onde, graças a Lutz, as experiências realizadas em Cuba foram postas em prática.

A Lutz e seus colaboradores também se deve o esclarecimento da natureza pestosa de uma moléstia que, por sua evolução rápida, fôra, errôneamente, diagnosticada como febre amarela. Em 1899 foi notificada em Santos a existência de moléstia de evolução rápida, mortal. A suspeita de tratar-se de peste bubônica foi aventada, de vez que a moléstia fôra assinalada, anteriormente, na cidade do Pôrto e pelo fato de ter ocorrido num armazem da alfândega de Santos enorme mortandade de ratos. O exame químico das vísceras dêsses animais afastou a hipótese de envenenamento.

Logo depois surgem novos casos humanos e numa das casas de onde saíram doentes, aparece um rato pestoso. Não foi difícil a Lutz, em colaboração com Vital Brazil, esclarecer o diagnóstico. Obtiveram, de todo êsse material, culturas típicas do bacilo de Yersin que, inoculados em animais, reproduziram o quadro clássico da peste experimental, permitindo afirmar, com segurança, a existência da peste bubônica na cidade de Santos.

Como de costume, apesar de tratar-se de trabalho perfeito e sem possibilidade de engano, a hipótese de Lutz foi refutada, tendo sido enviado a Santos, primeiramente, o Dr. Chapot Prévost e, depois, o próprio Oswaldo Cruz com a finalidade de esclarecer a questão.

Ambos, diante do que viram e com as provas apresentadas, tiveram que concordar com o diagnóstico. Apesar de tudo, para dirimir qualquer dúvida, Lutz envia suas preparações às maiores autoridades no assunto, Patrick Manson, Metchnikoff, Dunbar e Nocht, que não tiveram dúvidas em confirmar o diagnóstico.

Se estas foram as contribuições bacteriológicas de maior realce, pela justeza e o método com que foram levadas a cabo seja pelas imediatas conseqüências que tiveram, não pára aí a obra de Lutz.

Se a bacteriologia como ciência não o atraiu particularmente, isto não impediu que realizasse uma série de verificações tendentes a mostrar que os germes causadores das moléstias infecciosas que ocorriam em São Paulo eram, inteiramente, semelhantes aos descritos em outras partes do mundo.

Tratou longa e detalhadamente do diagnóstico laboratorial da difteria, mostrando semelhança perfeita do bacilo diftérico isolado em São Paulo com o conhecido na Europa, assinalando que esta infecção podia ser considerada como moléstia exótica em São Paulo até fins do século passado; aumentando sua freqüência à medida que aqui vinham ter maior número de imigrantes. Fêz estudos comparativos com a difteria aviária concluindo que esta nada tem a ver com a moléstia humana sendo causado por bactéria inteiramente diversa.

O problema das meningites bacterianas, das pneumonias, da influenza, das moléstias venéreas, e muitos outros assuntos ligados à etiologia bacteriana das infecções são também abordados em todos os seus relatórios, demonstrando o grande auxílio que o Instituto Bacteriológico vinha prestando à saúde pública.

A lepra sempre lhe despertou interêsse especial tendo, em 1886, publicado extensa monografia sôbre a morfologia do bacilo da lepra, na qual demonstrou a existência das granulações do bacilo de Hansen.

Para esclarecer a classe médica sôbre o auxílio que o Instituto Bacteriológico poderia lhes oferecer na elucidação de problemas diagnósticos, faz publicar pequeno trabalho sôbre as normas a serem adotadas na colheita de material para exame, indicações estas muito úteis numa época em que se procurava estimular médicos e sanitaristas a usarem do laboratório como complemento indispensável para seus exames clínicos.

Em novembro de 1908, ao se retirar do Instituto Bacteriológico para iniciar nova fase de investigações científicas em Mangüinhos, deixa orientação para que sejam prosseguidos os trabalhos de rotina.

No dizer de Carvalho Lima, mais tarde seu sucessor, "dificilmente se penetra em assunto de microbiologia ou protozoologia sem que por aí tenha passado Lutz".